

## Notas sobre Criminologia e Literatura em Cuba e no Brasil

Doutorando Rodrigo Lopes de Barros<sup>1</sup> (The University of Texas at Austin)

### Resumo:

*Mário de Andrade vê a feitiçaria cubana no Brasil. Juan Luis Martín, Ecué, Changó y Yemayá e a macumba brasileira. Ecué, Changó y Yemayá e Écue-Yamba-Ó de Alejo Carpentier. Ñãñigos, Carpentier e a polícia cubana. Rafael Roche, La policía y sus misterios, e os signos ñãñigos. Carpentier escreve “La Musique Cubaine”: da criminologia a revista Documents de George Bataille. Nina Rodrigues e o fetiche. Nina é Lombroso. Fernando Ortiz e o fetiche. Lombroso e Fernando Ortiz. Nina Rodrigues e Fernando Ortiz. Nina Rodrigues em Cuba. Fernando Ortiz quer ser Nina Rodrigues. Nina Rodrigues e o embate de civilizações. Fernando Ortiz e o primitivo: Wifredo Lam. Criminologia e transculturação.*

**Palavras-chave:** criminologia, etnografia, literatura, fetiche, animismo

Mário de Andrade escreveu em seu livro, *Música de Feitiçaria no Brasil*, a relação proto-histórica entre o Brasil e a ilha de Cuba. Isto é, ele traça as práticas cosmogônicas que culminaram na macumba, santeria, vodu, ou no nome que preferirem:

Luís da Câmara Cascudo nas suas pesquisas folclóricas escutou a palavra “cuba” empregada como sinônimo de “feiticeiro”. A palavra parece vir da própria ilha de Cuba. Não tem étimo ameríndio e Teodoro Sampaio não se refere a Cubatão, certamente voz africana, aumentativo de “cubata”, para designar casa grande, ou senzala como quer Figueiredo. Com efeito, em 1818, d’Alincourt designava o Cubatão paulista, como tendo se chamado “Cubatra”, mais antigamente. Teschauer, citando Benicio, em “O Rei dos Jagunços”, dá para “cuba” o sentido de “indivíduo poderoso, influente, atilado” [...]. Ora este freqüentemente interpretava mal os textos de que se servia, e muito embora desta feita a sua interpretação pareça legítima pela frase citada, talvez um conhecimento mais íntimo do romance de Benicio esclarecesse melhor o sentido do termo. É voz do vernáculo “china” significando “chinês”. Em São Paulo está muito generalizado no povo da roça dizer “um Japão” por um “japonês”. A palavra “cuba”, pelo menos na sua primeira etimologia, devia estar por “cubano”, o que prova ainda o que afirmei sobre a influência cubana sobre nós, que a nossa música prova definitivamente. Depois, por extensão, a palavra significaria “indivíduo importante” e talvez “indivíduo feiticeiro”, que também é importantíssimo pro povo. Luís da Câmara Cascudo andou se dedicando uns tempos ao estudo da pangelança nortista, se o seu cuba feiticeiro foi colhido de sujeito amazônico, original ou paroara, fica definitiva creio, a influência da feitiçaria cubana sobre a pagelança amazônica. (ANDRADE, 1983. p. 28).

Não apenas as manifestações religiosas circularam entre Cuba e Brasil, mas houve também um intenso intercâmbio envolvendo os primeiros estudiosos daqueles dois países sobre as religiões locais. Vejamos, por exemplo, o etnólogo cubano Juan Luis Martín. Numa tentativa de entendimento do paradoxo entre remédio e veneno demonstrado pelos negros cubanos, ele publica em 1930 seu livro *Ecué, Changó y Yemayá*. Este livro tem como seu subtítulo “ensaios sobre a sub-religião dos afro-cubanos”. No entanto, ele ostenta um capítulo intitulado “Cabildo y Macumba”. Neste capítulo e nos seguintes, Juan Luis Martín, um dos primeiros etnógrafos cubanos, faz um relato do misterioso e terrível cenário no qual as religiões afro-brasileiras tinham lugar: possessões,

estupros, envenenamentos, e todo tipo de desonestidades e enganações empreendidas pelos feiticeiros da macumba local. Muito embora este relato chame nossa atenção primeiramente pela atmosfera de perigo, morte e exotismo no Brasil, há outro aspecto do livro que merece ser abordado. Em primeiro lugar, Fernando Ortiz é mencionado nos agradecimentos do livro *Ecué, Changó y Yemayá*. Ele é retratado como “o primeiro a empreender estes estudos em Cuba” (MARTÍN, 1930. p. 6). No entanto, a característica mais impactante desse quase esquecido livro é que ele serviu como uma das bases de onde Alejo Carpentier retirou inspiração e dados para escrever *Écue-Yamba-Ó* (1933). Carpentier é, por sinal, um profundo interlocutor do modernismo brasileiro, como se pode ver em sua admiração por Villa-Lobos, escrevendo muitos artigos sobre a importância do compositor brasileiro para a música ocidental (CARPENTIER, 1991), ou ainda na estranha posição que assume *El reino de este mundo* quando colocado ao lado de *Macunaíma* de Mário de Andrade: estes romances são ao mesmo tempo textos competidores e complementários. De volta à importância de Juan Luis Martín para o primeiro romance de Carpentier, podemos reconhecê-la por meio de uma carta que este enviou a sua mãe, Toutouche, em que Carpentier pergunta por algumas fotos de imagens ritualísticas dos *ñáñigos* (uma sociedade secreta cubana), tiradas por Martín, e mais tarde incluídas na primeira edição de sua “história afro-cubana” (CARPENTIER, 2010). Não apenas o livro de Juan Luis Martín teve uma profunda influência sobre *Écue-Yamba-Ó*, mas também Carpentier estava extremamente a par dos estudos criminológicos sobre a sociedade secreta cubana dos *ñáñigos* a fim de construir seu primeiro romance. *Ñáñigos* eram considerados criminosos e receberam uma enorme atenção do aparato repressor da polícia cubana.

Carpentier também consultou a obra de Rafael Roche, *La policía y sus misterios* de 1908, um membro do departamento de polícia de Havana. O livro está dedicado ao General Emilio Nuñez y Rodriguez, então governador da Província de Havana. Roche escreveu um manual sobre a criminalidade dos negros ligada a certas manifestações afro-cubanas, tendo um capítulo dedicado aos *ñáñigos* (o grupo usado como peça central para compor o enredo do primeiro romance de Carpentier) no qual aparece, entre as páginas 32 e 33, uma série de vinte desenhos intitulada “Signos – Firmas – Rubricas” retratando os símbolos rituais dos *ñáñigos* e que foram reproduzidos por Carpentier em seu artigo *La Musique Cubaine*, 1929, publicado na revista francesa de “arqueologia, belas-artes, etnografia e variedades” *Documents*, então dirigida por Georges Bataille em Paris. Este artigo parece haver servido como uma espécie de treinamento teórico para seu posterior romance *Écue-Yamba-Ó*, uma vez que o signo número 13 de Rafael Roche aparece também na capa de um manuscrito de *Écue-Yamba-Ó* datado de 1932, hoje no arquivo da Biblioteca Nacional José Martí em Havana (CARPENTIER, 1932). Isto nos dá uma idéia de como pensava ele serem importantes aquelas gravuras, as quais foram igualmente reproduzidas na primeira edição de *Écue-Yamba-Ó* em 1933 (exatamente os seis desenhos presentes no artigo da revista *Documents*). Esse evento nos faz pensar em como o nascimento da etnografia em Cuba e seus desdobramentos na literatura estão profundamente intrincados aos estudos sobre a criminalidade negra, incluindo a leitura de autores brasileiros, como já veremos. Numa versão inédita e escrita em francês de *Écue-Yamba-Ó*, espécie de resumo didático, explicativo, dos capítulos do livro, que Carpentier haveria escrito ao público europeu e cujo manuscrito também se preserva na Biblioteca Nacional, é difícil não notar alguns traços da antropologia criminal na formação do romance: “este bonito livro é a narrativa colorida e fiel de um negro [...]. A impressão geral que se tira dessa obra é que o negro cubano é um ser supersticioso cuja vida é regida por seus instintos, os dizeres dos bruxos e a vontade da sociedade secreta a qual ele pertence”. E se nós voltarmos ao capítulo dedicado à macumba no livro de Juan Luis Martín, embora ele não traga referências diretas de suas fontes, aquele parece ser imediatamente alimentado pela pesquisa de criminologistas brasileiros, os quais, por sinal, encontravam-se bem lidos em Cuba no início do século XX, principalmente o Dr. Nina Rodrigues, que costumava chamar a religião dos negros

brasileiros de fetichismo e animismo primitivo. Em seu texto originalmente publicado entre 1896 e 1897, *O animismo fetichista dos negros bahianos*, Nina escreve: “a forma por excelência do fetichismo do afro-baiano é o animismo difuso, isto é, a atribuição, a cada ser e a cada coisa, de um *double*, fantasma, espírito, alma, independente do corpo onde faz sua residência momentânea” (RODRIGUES, 1935. p. 27-28).

Nina é o Lombroso dos trópicos. Ele foi um dos mais brilhantes intelectuais brasileiros anteriores à Primeira Guerra Mundial e, como psiquiatra na Bahia, era conhecido por estudar a população negra aplicando teorias lombrosianas a fim de entender cientificamente seu comportamento criminal. Nina é considerado talvez um dos mais bem-sucedidos propagadores de Lombroso, que acreditava que medindo o tamanho do crânio, cérebro, nariz, mandíbula, braços, orelhas, e também analisando anormalidades, assimetrias e doenças da população encarcerada, seria possível entender a própria criminalidade e, ainda mais, traçar o perfil do típico criminoso. E agora que mencionamos Nina Rodrigues, o bem-conhecido pesquisador das manifestações afro-cubanas, Fernando Ortiz, teve o começo de sua carreira como criminologista escrevendo sobre a delinquência dos negros relacionada a algumas religiões menos ortodoxas da ilha caribenha, cujos praticantes chamava de “negros bruxos”. Ortiz estava igualmente fascinado pelo animismo de origem africana, isto é, pelo culto ao fetiche, ou se referirem, fetichismo. Em seu *Glosario de afronegrismos*, Ortiz incluiu uma entrada específica definindo o entendimento antropológico e lingüístico daquele conceito:

Fetiche: cada um dos ídolos de culto supersticioso em terra de negros. [...] Esta palavra não é um afro-negrismo, ainda que se refira a coisas dos negros africanos, da mesma maneira como sucede com outros vocábulos forjados, como “etiópia”, ou pelos árabes, como “cafre”, etc. [...] A opinião mais generalizada, e a mais verossímil, é que fetiche procede do português feitiço “[espanhol] *hechizo*”. [...] Na seção primeira deste livro [de Ch. De Brosses], faz-se constar claramente que o vocábulo fetiche procede do português antigo *fetiffo*, da raiz latina *fatum*. [...] Em latim existiu a voz *facticius* “algo feito ou criado artificialmente” ou seja contrário a “eterno”, ou “algo artificial”, oposto a “natural”. E desse vocábulo parecem derivar o espanhol “*hechizo*”, o velho francês *faitis* “artificial” e o português “*feitiço*”. Também se formou *faccio*, e daí *fascino*, etc., que ainda vivem nas línguas latinas de hoje: fascinador, fascinação, etc. (ORTIZ, 1924. p. 204-205 e 547).

Antes, porém, Fernando Ortiz, publicou seu livro *Los Negros Brujos* de 1906, que tem o prefácio assinado pelo italiano Cesare Lombroso (o mesmo autor de *L'uomo delinquente*). Um prefácio muito elogioso por sinal, onde o neuropsiquiatra italiano escreve ao jurista cubano:

Recebi seu manuscrito, li-o e julgo-o de um interesse extraordinário, tanto, que devo rogar-lhe que se digne a ceder-me para minha revista, o *Arquivo de Psiquiatria*, seu estudo acerca do suicídio entre os negros, o da criminalidade afro-cubana e também o do delito e violação de sepulturas. Seria igualmente grato por receber para o *Arquivo*, a tradução dos pedaços mais interessantes de seu livro e a cessão de certas imagens. [...] Nada tenho a sugerir-lhe a respeito de seus futuros estudos de etnografia criminal, apenas a aquisição de dados acerca das anomalias craniais, fisionômicas e da sensibilidade tátil de um determinado número de delinquentes e bruxos, e em um número igual de negros normais. (ORTIZ, 1917. p. 9-10).

Ainda sobre a relação Lombroso-Ortiz, o cubano também dedicou ao pai da antropologia criminal seu livro *La filosofía penal de los espiritistas*, menos de uma década posterior a *Los negros brujos* e que contém um estudo comparativo entre os fundamentos espíritas de Allan Kardec e o positivismo criminológico. Ortiz também nutre uma grande admiração por Nina Rodrigues: ele é

constantemente citado em *Los negros brujos*, o que auxilia a demonstrar a importância do intelectual brasileiro na época. Nina era lido internacionalmente, não apenas porque repetia o discurso lombrosiano, mas por sua inovação ao agregar-lhe o estudo do embate entre as distintas civilizações locais: uma branca e outra primitiva (Cf. PIZA, 2002. p. 279). A postura intelectual de Nina Rodrigues, de atualização das teorias lombrosianas à especificidade dos trópicos, especialmente o trópico de **engenho**, causou fascinação em Ortiz. Nina aparece no trabalho de Ortiz muitas vezes, como, por exemplo, no texto *La fiesta afrocubana del día de Reyes*, sobre o qual Ortiz começou a trabalhar no início dos anos 20 e em que cita o ensaio de Nina *A raça negra na América portuguesa*, publicado na *Revista do Brasil* em 1922, o que demonstra como o etnógrafo cubano estava consciente dos estudos brasileiros. De fato, em um artigo autobiográfico intitulado “Brujos o Santeros”, Ortiz explica que, durante a escritura de *Los negros brujos*, passou parte de seu tempo na Itália e ainda acrescenta que seus estudos, baseados na antropologia criminal, eram em certa medida um gesto simétrico ao que Nina Rodrigues havia realizado alguns anos antes no Brasil:

meu livro *Los negros brujos* foi publicado em 1906, havendo sido redigido por mim desde 1902 a 1905, de cujos anos três passei na Itália (ao lado de Lombroso e seu discípulo Enrico Ferri) e só um em Havana, onde iniciei minhas investigações diretas. É certo que eu, como pouco antes havia feito o Dr. Nino Rodrigues no Brasil, fui ao estudo etnográfico de Cuba desde o campo da antropologia criminal no qual tinha eu minhas mais ferventes afeições. (ORTIZ, 1939. p. 85).

É verdade que muito pouco estava sendo publicado no Brasil sobre as religiões de origem africana que não estivesse relacionado à antropologia criminal enquanto Ortiz trabalhava em *Los negros brujos*. *Casa Grande & Senzala*, nosso ponto de câmbio epistemológico, emerge apenas em 1933. O próprio Ortiz mudou seu paradigma teórico apenas nos anos 40, com seu grande elogio barroco ao hibridismo e a mestiçagem: *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. No entanto, embora Ortiz haja diferenciado sua abordagem, ele parece incapaz de cortar sua paixão pelo primitivo. Esta palavra não cessa de retornar durante seu trabalho posterior. No ensaio sobre o pintor cubano Wifredo Lam, Ortiz define, por exemplo, a pintura do surrealista como primitiva. Porém, é agora um primitivismo universal. É um bom primitivismo, mas ainda primitivo (ORTIZ, 1950). Lam também causou fascinação em Carpentier, e muitos críticos viram naquelas pinturas os traços de símbolos de desenhos *ñāñigos*, os mesmos que Carpentier usou em seu primeiro romance. É lugar-comum que feito um leninista, Ortiz haveria exercido uma espécie de autocrítica e negado a abordagem eugênica do início de sua carreira. O mesmo com Carpentier que tentou várias e várias vezes evitar a republicação de seu *Écue-Yamba-Ô*, ainda que pensasse que a motivação política do livro estivesse correta. Entretanto, não posso ver, por exemplo, a obsessão de Ortiz com o primitivo indo-se embora. Não creio que tenha ele deslocado seu paradigma para um caminho oposto. A transculturação é exatamente aquele embate de civilizações que Nina Rodrigues estava descrevendo. Alguns intelectuais compararam bravamente Ortiz com Gilberto Freyre, em especial Ana Luiza Andrade e Jossianna Arroyo. Comparação que dá muito sentido aos dois autores, e elas produziram vigorosas peças de crítica. Mas talvez outro bom contraponto brasileiro a Ortiz seja também Nina Rodrigues. Talvez, a transculturação não seja a ruptura com o passado criminológico e lombrosiano de Fernando Ortiz: a transculturação é a criminologia lombrosiana levada ao seu limite, isto é, o estudo do primitivo e de como o primitivo se comporta e se adapta frente a sujeitos mais poderosos, ainda que Ortiz pareça abandonar os paradigmas raciais de seus primeiros textos.

## Referências Bibliográficas

- 1] ANDRADE, Ana Luiza. *Outros Perfis de Gilberto Freyre: voltas duras/doces no cotidiano dos brasileiros*. São Paulo: Editorial Nankin, 2007.

- 2] ANDRADE, Mário de. *Música de feitiçaria no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- 3] \_\_\_\_\_. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Nanterre: ALLCA XX, 1996.
- 4] ARROYO, Jossianna. *Travestismos culturales: literatura y etnografía em Cuba y Brasil*. Pittsburgh: IILI, 2003.
- 5] CARPENTIER, Alejo. *Écue-Yamba-Ó* (versão em francês). Manuscrito, Biblioteca Nacional José Martí, CM N 109, s.d.
- 6] \_\_\_\_\_. “La Musique Cubaine”. Em: *Documents*, n. 6, Paris, 1929.
- 7] \_\_\_\_\_. *Écue-Yamba-Ó*. Manuscrito, Biblioteca Nacional José Martí, Ficha 14, nº 1-2, B, 1932.
- 8] \_\_\_\_\_. *Écue-Yamba-Ó: historia afrocubana*. Madrid: Editorial España, 1933.
- 9] \_\_\_\_\_. *El reino de este mundo*. México: Edición y Distribución Ibero Americana de Publicaciones, 1949.
- 10] \_\_\_\_\_. *Villa-Lobos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1991.
- 11] \_\_\_\_\_. *Cartas a Toutouche*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2010.
- 12] MARTÍN, Juan Luis. *Ecué, Chango y Yemaya: ensayos sobre la subreligión de los afrocubanos*. La Habana: Cultural S.A., 1930.
- 13] ORTIZ, Fernando. *La Filosofía Penal de Los Espiritistas: estudio de filosofía jurídica*. La Habana: La Universal, 1915.
- 14] \_\_\_\_\_. *Los negros brujos*. Madrid: Editorial-América, 1917.
- 15] \_\_\_\_\_. *Glosario de Afronegrismos*. La Habana: El Siglo XX, 1924.
- 16] \_\_\_\_\_. “Brujos o Santeros”. In: *Estudios Afro-Cubanos*, Vol III, Números 1, 2, 3, 4, La Habana, 1939.
- 17] \_\_\_\_\_. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar: advertencia de sus contrastes agrarios, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación*. La Habana: J. Montero, 1940.
- 18] \_\_\_\_\_. *Wifredo Lam y su obra vista a través de significados críticos*. La Habana: Publicaciones del Ministerio de Educación, 1950.
- 19] \_\_\_\_\_. *Los cabildos y la fiesta afrocubanos del Día de Reyes*. La Habana: Ed. de Ciencias sociales, 1992.
- 20] PIZA, Evandro. *Criminologia e Racismo*. Curitiba: Juruá, 2002.
- 21] ROCHE, Rafael. *La policía y sus misterios*. La Habana: Imprenta “La Prueba”, 1908.
- 22] RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

---

## iAutor

**Rodrigo LOPES DE BARROS, Doutorando em Literatura Hispânica**  
The University of Texas at Austin  
veraguth@gmail.com